

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 227-235. ISSN:1808-8031

A AGÊNCIA DO CODESRIA NA PRODUÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO CONTINENTE AFRICANO

THE ACTIONS OF CODESRIA ON PRODUCTION OF SOCIAL SCIENCES IN THE AFRICAN CONTINENT

LA AGENCIA DEL CODESRIA EN LA PRODUCCIÓN DE LAS CIENCIAS SOCIALES EN EL CONTINENTE AFRICANO

Entrevista de Michelle Cirne Ilges, doutoranda em Antropologia Social na Universidade de São Paulo, com a professora Teresa Cruz e Silva, professora da Universidade Eduardo Mondlane.

O CODESRIA – Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África – é uma instituição fundada em 1973 para agregar e promover o trabalho dos cientistas sociais no continente africano, de caráter “pan-africano e independente”. Tem como seus objetivos “a proteção da liberdade intelectual dos intelectuais africanos e da autonomia no exercício de suas funções, e a eliminação das barreiras linguísticas, disciplinares, regionais, de gênero e inter-geracional”, além da “facilitação da pesquisa multidisciplinar, de promoção das publicações resultantes de pesquisas e capacitação de pesquisadores africanos em todos os níveis”. A historiadora e cientista social moçambicana, Teresa Cruz e Silva, foi membro do Comitê Executivo do CODESRIA, entre 2002 e 2008, e presidente da instituição entre 2005 e 2008. Aproveitando a passagem da referida professora pelo Brasil, quando ministrou, no segundo semestre de 2014, na Universidade de São Paulo, um curso sobre a descolonização dos saberes no continente africano e especialmente em Moçambique, pude realizar a entrevista que segue, na qual conversamos sobre a organização do CODESRIA e também sobre o estado atual do debate sobre o paradigma do desenvolvimento no continente africano.

Michelle Cirne Ilges: Inicialmente, gostaria de saber como se deu sua aproximação com o CODESRIA?

Teresa Cruz e Silva: A minha aproximação com a instituição tem relação com o Centro de Estudos Africanos (CEA), da Universidade Eduardo Mondlane, porque o CODESRIA tinha uma proximidade com o CEA, por causa dos professores que ensinavam lá, que tinham ligações com o CODESRIA. Houve até um encontro científico do CODESRIA, realizado em Moçambique, em colaboração com o CEA, que reforçou essa ligação. E depois, participei em

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 227-235. ISSN:1808-8031

algumas atividades de caráter científico, organizadas pelo CODESRIA que solidificaram essa ligação. Foi durante a Assembleia Geral da Instituição, que teve lugar no Uganda, onde fui eleita membro do Comitê Executivo, em representação da África Austral, que se consolidaram os meus laços. A minha relação mais próxima com a parte administrativa do CODESRIA começou no meu primeiro mandato, três anos antes de eu ser presidente, no Comitê Executivo. Eu passei a conhecer melhor o CODESRIA, a partir da minha entrada no Comitê. Há muitos países africanos que têm uma relação muito próxima com o CODESRIA, porque, quando o CODESRIA foi criado, ele tinha objetivos muito específicos: apoiar o desenvolvimento das ciências sociais nos países africanos. Depois disso, esse apoio foi direcionado para várias atividades nas ciências sociais e nas humanidades no geral, porque havia grandes crises, no continente africano, que clamavam por solução; havia alguns acadêmicos que tinham problemas com os governos, por serem de esquerda, e era preciso dar um apoio ao desenvolvimento dessas pessoas, do ponto de vista acadêmico. É interessante conhecer um artigo de Thandika Mkandawire¹, que foi um dos secretários executivos do CODESRIA, sobre as três gerações de acadêmicos africanos. Eu acho que esse artigo reflete, de forma brilhante, as razões que, em determinados momentos, levaram o CODESRIA a adotar algumas políticas relativas ao ensino superior. É assim que a instituição teve de fazer uma série de seminários voltados para áreas como metodologias de pesquisa, escrita de artigos científicos, entre outros; criar um sistema de bolsas de estudo e incentivar a pesquisa, principalmente para as pessoas da terceira geração de jovens acadêmicos, em função da crise que se vivia no continente africano, sobretudo depois de meados dos anos 80. Foi mesmo uma crise que afetou não só África, mas os países do chamado sul global, os países que adotam economias e sistemas neoliberais e as consequências que isso tem para as áreas sociais e sobretudo para as universidades e para a educação no geral. Nessa altura, o CODESRIA começa a desenvolver um certo número de linhas que permitiam a esses pesquisadores continuarem a fazer o seu trabalho e a terem uma possibilidade de publicar e ter acesso a livros e publicações periódicas, o que não era possível ou era difícil, em muitos países. Então, a minha relação com o CODESRIA começou primeiro individualmente, depois dentro da própria instituição.

¹ MKANDAWIRE, Thandika. Three generations of African academics: a note. *Transformations*, v. 28, p. 75-83, 1995.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 227-235. ISSN:1808-8031

MCI: E essa reunião em Uganda, em que a senhora foi convidada para fazer parte do Comitê Executivo, foi uma Assembleia Geral?

TCS: Sim. As Assembleias Gerais são divididas em duas partes: tem uma parte de caráter científico e tem uma parte que diz respeito à administração da associação, porque o CODESRIA funciona em moldes de uma “associação”. E nessa segunda parte, se discutem os assuntos que dizem respeito à organização, à administração, os problemas que há, os avanços que são feitos e acontece normalmente de três em três anos. É nessa Assembleia Geral onde se elegem os corpos diretivos. E, portanto, foi nessa Assembleia Geral que se realizou em Uganda, em Makerere, que eu fui eleita como representante da África Austral. O sistema que funciona até agora é que a África está dividida em sub-regiões, e cada sub-região pode eleger dois membros para o Comitê Executivo e um suplente. Ressalte-se que os membros eleitos, embora sejam da sub-região, zelam por todos os assuntos do continente e não apenas os da área que os indicou. Os dois membros têm um mandato de três anos e podem ser reeleitos só mais uma vez. O Comitê Executivo é o órgão imediatamente a seguir, do ponto de vista hierárquico, à Assembleia Geral.

MCI: Então nas Assembleias Gerais os grupos se dividem pelas sub-regiões para elegerem seus representantes?

TCS: Tirando a África Ocidental, que é uma sub-região muito grande, que tem os países que falam língua francesa e os que falam língua inglesa. Então, como é uma sub-região muito grande, normalmente se dividem em dois grupos para a eleição dos seus representantes. E depois, tem a parte da África Ocidental dos que falam a língua portuguesa, mas aí é mais complicado. Por isso mesmo, o CODESRIA tem dois programas especiais que têm por objetivo incluir as minorias que falam as línguas árabe e portuguesa. Então, para os que falam a língua portuguesa, há uma iniciativa que se intitula “iniciativa lusófona”, através da qual se organizam várias atividades, como seminários, sobretudo de pesquisa, metodologias e outros temas, em língua portuguesa, e que incentiva também a publicação nessa língua. E isso permite uma maior integração acadêmica dessas minorias e sua participação mais efetiva nas Assembleias Gerais. A ideia é que o CODESRIA deve lutar por uma maior inclusão, seja de mulheres, de jovens, etc. etc. E por isso mesmo essas línguas, como português e árabe, foram incluídas como línguas de comunicação e hoje fazem parte das línguas oficiais do CODESRIA, mas normalmente só se usam em grandes reuniões como as Assembleias Gerais, ou em encontros específicos, congregando comunidades falantes dessas línguas.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 227-235. ISSN:1808-8031

MCI: Faz parte da política da instituição ligar-se a outras instituições nacionais, locais?

TCS: Sim. Particularmente, com universidades e centros de pesquisa, porque o CODESRIA não é uma organização doadora; é também uma organização que é recipiente de doações. Às vezes, existe a ideia de que é um instituto de pesquisa, que não é, ou que é uma organização doadora, como por exemplo a Ford Foundation ou outra, mas na verdade não é. Anos atrás, houve uma ideia que ainda não conseguiu vingar, de que era que é necessário quebrar a dependência dos financiamentos externos e ser independente do ponto de vista financeiro, mas não é tão fácil. Então, foi criado um *endowment fund*, que é um fundo próprio, para financiar algumas atividades e caminhar para uma independência financeira. E continua-se a fazer um esforço muito grande para isso acontecer, mas é muito complicado, porque as atividades requerem bastantes fundos. Partindo do princípio que, se um africano vai a uma conferência organizada pelo CODESRIA, se seu resumo é aprovado, o CODESRIA cobre as despesas todas. Então, tem custos muito elevados. Outros exemplos são algumas bolsas para a escrita de teses, porque, às vezes, é muito difícil os africanos conseguirem bolsas durante o período em que estão a escrever. Há ainda as publicações subvencionadas pela instituição... Em resumo, a ideia é tornar a organização cada vez mais independente, porque, no futuro, os grandes financiadores de hoje podem, amanhã, ter outras políticas ou se retirarem, por qualquer razão. Refira-se ainda que uma independência financeira evita também constrangimentos na execução dos programas da organização. A experiência também mostra o que acontece no resto do continente africano e no resto do mundo, já que, com a crise europeia e as crises que acontecem em outros locais, as organizações que estavam vocacionadas para desenvolver ou apoiar atividades de pesquisa, muitas estão a retirar-se. E essa é a razão pela qual a tentativa que continua ainda em campo é ser minimamente sustentável.

MCI: E como os recursos são distribuídos? Entre financiamento de pesquisas, publicação e promoção de eventos?

TCS: Principalmente isso. O CODESRIA está organizado em setores, tem um setor de publicações, porque em muitos países as pessoas não têm acesso a publicações; ele estimula a publicação de resultados de pesquisa, de trabalhos que foram financiados pelo CODESRIA, ou propostas que seus membros façam para publicar uma obra. Tem o setor de formação, que está ligado à organização de eventos, como seminários de formação. Há alguns que são regulares, como se pode ver no plano estratégico e de atividades, e há alguns que são organizados por sub-regiões, e outros eventos de caráter científico que não tenham a ver com

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 227-235. ISSN:1808-8031

atividades regulares. Depois, tem um setor de pesquisa, que fomenta e apoia a pesquisa, e nesse setor, neste momento, existe um estímulo para se criarem redes de trabalho, de caráter nacional e outras. Como funciona? O CODESRIA anuncia, regularmente, que tem dinheiro para financiar grupos nacionais de pesquisa ou de outro tipo. Suponhamos, você tem um tema de pesquisa, é uma pesquisadora sênior, e seleciona mais algumas pessoas, é importante que os jovens sempre sejam chamados para esses projetos. Organizam o projeto e submetem para financiamento do CODESRIA. Depois, o CODESRIA escolhe uma comissão, com membros da comunidade de acadêmicos e convida-os para um painel de seleção, de acordo com o financiamento que o CODESRIA tem disponível. Pode financiar cinco planos, ou seis, ou sete. A mesma coisa no setor de formação, para as bolsas. Fazem um anúncio público, dizendo que há bolsas para pesquisa, para esta área ou para aquela área, as pessoas concorrem, e o CODESRIA nomeia um comitê de seleção. Depois, além da publicação, da pesquisa e da formação, há aqueles setores de organização: administração, finanças, protocolo para as reuniões que se realizam. Além disso, eles têm uma biblioteca e um centro de documentação, onde os membros podem utilizar a informação que está lá ou as pessoas que participam de alguma atividade no Senegal e que precisam consultar a informação podem utilizar esses recursos. Os grupos de pesquisa podem ser nacionais e também regionais, por exemplo, a África do Sul, o Malawi e Moçambique podem propor um grupo da África Austral para fazer uma pesquisa, no qual um mesmo tema tenha relação com esses países. Por outro lado, do ponto de vista acadêmico, o CODESRIA tem uma relação com a CLACSO, para a América Latina, de forma que haja discussões, troca de ideias, seminários conjuntos, e também com a APISA (Asian Political and International Studies Association), que é para estabelecer uma ligação com a Ásia, tudo isto dentro da cooperação Sul-Sul. Há outras associações com as quais o CODESRIA mantém relações, no próprio continente africano, umas regionais, outras mais abrangentes, mas de fato, hoje a associação mais abrangente que trata de pesquisa em Ciências Sociais e Humanidades em África, é o CODESRIA.

MCI: Professora, há uma outra questão que eu gostaria de abordar, que é o estado atual do debate sobre o paradigma do desenvolvimento, porque durante bastante tempo, me parece, esse paradigma foi acolhido pelos intelectuais africanos.

TCS: Nos anos 70 sim, sem dúvida. Basta ler a história da Universidade de Makerere, ler a história da Universidade de Dar es Salaam, e a história do Centro de Estudos Africanos da UEM para compreender que, naquele momento, em que os países africanos se tornaram independentes, até à década de 70 e meados dos 80, era a questão das políticas

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 227-235. ISSN:1808-8031

desenvolvimentistas, que depois foram colocadas de lado, por razões óbvias, e nós vamos encontrar um grupo de cientistas sociais e das humanidades, que se torna muito importante na Universidade de Makerere, no Uganda, onde são formadas pessoas de uma determinada geração, como Mahmood Mamdani e as pessoas da geração dele. Depois, vamos ver que essas mesmas pessoas ou outras, que têm a mesma linha, que passam para a Universidade de Dar es Salaam, e a Universidade de Dar es Salaam, nos anos 70, fins de 60, 70, fervilhava nessas discussões ligadas ao paradigma do desenvolvimento, o problema do continente africano, e essas pessoas que estão na Universidade de Dar es Salaam passam para o Centro de Estudos Africanos em Maputo. Muitos são recrutados aí para trabalharem num projeto de Moçambique independente, desde a Ruth First, que dava aulas na Tanzânia, Jacques Depelchin, Anna Maria Gentili, Colin Darch. Eles procuraram sempre lugares onde poderiam fazer alguma coisa que teria uma relação com o sonho de transformar o continente africano. Sejam professores africanos ou professores africanistas, que estavam ligados a essas instituições. O trabalho de Mahmood Mamdani sobre as universidades em África² explica muito bem o desenvolvimento da intelectualidade, a crise, na altura em que ele escreveu, partindo da Universidade de Makerere, passada pelas universidades africanas, o problema dos académicos e o paradigma do desenvolvimento, está muito claro nesse texto, porque ele faz parte dessa geração também.

MCI: Mas hoje há alguma transformação nesse debate, alguma crítica? Já naquela época está posta a necessidade da descolonização do pensamento, mas ao mesmo tempo há um acolhimento do paradigma do desenvolvimento.

TCS: Hoje em dia, a preocupação, parece-me, é qual é o futuro das universidades e dos académicos, perante a pressão do neoliberalismo, que está a destruir a possibilidade de um desenvolvimento independente da maior parte das instituições do ensino superior e mesmo dos académicos poderem desenvolver algum trabalho. Há algumas gerações que colocam, especialmente nestes finais de século XX, a questão da descolonização dos saberes. Discute-se essa questão. Eu acho que, a partir de meados dos 80 e finais dos 70, as teorias desenvolvimentistas foram colocadas de lado, os sonhos dos nacionalistas foram colocados de lado, e a discussão, hoje em dia, se prende também a qual é o futuro do continente africano,

² MAMDANI, Mahmood. *Scholars in the Marketplace: the dilemmas of neo-liberal reforma at Makerere University, 1989-2005*. Dakar: CODESRIA, 2007. 316 p.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 227-235. ISSN:1808-8031

portanto, se nós estamos a contribuir para o seu desenvolvimento (do continente), ou se estamos num processo em que novamente este fica nas mãos do grande capital, seja chamado de imperialismo por alguns autores. Outros já falam até de uma fase de pós-neoliberalismo, e a questão do desenvolvimento do continente africano, qual será o caminho que terá nas próximas décadas.

MCI: Podemos dizer então que há uma defesa de um desenvolvimento mais independente, mas continua-se acreditando ou mesmo não debatendo o que seria ou para que seria esse desenvolvimento?

TCS: Claro que se as pessoas não acreditassem em mudanças não iriam fazer um debate. Inclusive, há alguns autores que consideram que os problemas que Mamdani colocou sobre o desenvolvimento das universidades, hoje não são tão prementes. Eu não estou de acordo, eu continuo a achar que hoje continuamos a ter aquilo que Thandika Mkandawire chamou de terceira geração: sem recursos, sem acesso a uma série de possibilidades de produzir saber científico por falta de meios, por causa de governos cada vez mais autoritários, que existem no continente africano, e por causa da diferenciação social que é cada vez maior. Mas as pessoas acreditam que o continente africano tem uma possibilidade de se transformar em outra coisa e acreditam que os cientistas têm um papel a desenvolver para fazer uma outra leitura da situação e tentar fazer uma alteração desta. Em todas as reuniões científicas do CODESRIA, um dos pontos da discussão é esse. O que nós devemos fazer para o desenvolvimento do continente e qual é a nossa obrigação, como africanos e como académicos, para mudar o panorama que vivemos nesse momento. Colocar em causa o paradigma do desenvolvimento também significa trazer essas questões para o cerne do debate.

MCI: Existe um modelo para essa outra coisa, ou não?

TCS: Modelos provaram que não resolvem nenhum problema, porque a África são várias Áfricas, e a África só por si não pode resolver os seus problemas, porque existem pressões, e ela vive dentro de um mundo global, portanto não é só se os africanos quiserem mudar que podem mudar, mas é preciso ver qual é relação de forças que existe. Então, não há um modelo; os economistas têm várias teorias, os cientistas sociais fazem várias discussões, porque na África há vários contextos e várias situações que acontecem, que são diferentes de umas regiões para outras e de uns países para outros. Agora, uma das coisas que se tenta combater é o afropessimismo, porque, com ele, não há possibilidades de encontrar soluções.

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 227-235. ISSN:1808-8031

MCI: Me parece que o paradigma do desenvolvimento aponta para um modelo, tem que desenvolver tal área, tem que prosperar, tem que crescer, produzir, multiplicar...

TCS: Sim, mas teríamos que discutir os modelos dos economistas, os vários cenários que existem para resolver os problemas, e ver realmente se esses modelos funcionam ou não. Uma determinada região da África pode ter um modelo que funcione e outra não, mas, na verdade, se contestam todos os modelos que levam as elites que substituíram os colonizadores a continuar, a mando do imperialismo, a explorar os recursos dos países africanos, sem que esses benefícios das riquezas sejam para os próprios africanos. Alguns economistas dizem que é possível fazer uma distribuição da riqueza, pois temos já experiências, como na da América Latina, mas eu encontro outros economistas que dizem que a experiência da América Latina é de um novo neoliberalismo e de um novo extrativismo. Então, há vários modelos e teorias desenvolvidas pelos economistas que tentam encontrar soluções.

MCI: O paradigma do desenvolvimento tem muito o sentido de crescer, e o continente africano foi festejado nos últimos anos pelas taxas de crescimento.

TCS: Mas o problema é: o que é crescer? Muitos economistas contestam, e eu posso usar o exemplo do meu país... uma leitura dos relatórios do Banco Mundial, Nações Unidas, etc. têm dois pontos que são contraditórios. Por um lado, Moçambique está entre os quatro países mais pobres do mundo; por outro lado, ele é apresentado como um modelo de crescimento econômico, que devia ser utilizado por outros países. Um modelo de sucesso. Ele, realmente, tem um crescimento econômico. E o que significa isso? Está mais do que provado que, crescimento econômico, se não for acompanhado de medidas, de reformas que permitam que haja uma maior base de bem estar social, não resolverá nenhum problema da pobreza. Moçambique, neste momento, está na lista dos dez maiores exportadores de gás do mundo, logo que iniciar a sua produção no norte do país, está na lista dos maiores produtores mundiais de carvão, e então? Crescimento econômico não significa combate à pobreza. Entre os números e o cruzamento com os dados qualitativos, existe uma grande contradição. Se nós analisarmos, utilizando outra vez o exemplo do meu país, se fizermos uma análise para avaliar se a pobreza cresceu ou não, ou se ela diminuiu, porque um dos *slogans* do governo de Moçambique é acabar com a pobreza, e os governantes de Moçambique dizem que estão a acabar com a pobreza quando fazem a exploração dos recursos naturais, e há um crescimento econômico sim, mas se nós formos verificar os índices de variação da pobreza, veremos que ela aumentou, e não diminuiu. Portanto, há alguns perigos nas análises de alguns economistas, se elas não forem cruzadas com outras informações. Por exemplo: de que adianta o Botsuana

Outros Tempos, vol. 12, n.19, 2015 p. 227-235. ISSN:1808-8031

não ter dívida externa, quando o país está a ser dizimado por AIDS e o índice da população não apresenta crescimento? Há vários pontos que têm que ser colocados na balança para analisarmos a situação. Os dirigentes africanos, quando se reúnem, são sempre muito positivos e os dados que são apresentados, publicamente, dados estatísticos, são para ser discutidos. Em um país como o meu, há alguns autores que dizem que a economia de Moçambique é uma “*bazar economy*”, onde há uma série de coisas que funcionam, ao mesmo tempo, como nos mercados. Se nós formos aplicar os índices internacionais, para avaliar a situação econômica do país, a maior parte da diversidade dos setores econômicos não pode ser classificada, não é possível. Como é que eu vou avaliar um tipo de economia que é considerada informal, quando os dados não podem ser registrados, não obedecem a determinados índices? Então, as medições que são feitas e as perspectivas que são traçadas, através dessas medições de índices internacionais, nem sempre funcionam.